

Depoimento: Nasi

POR INDIRA AMARAL E
FÁBIO PALÁCIO

Cantor e compositor do grupo *Ira!*, Nasi, 42, é paulistano nascido na Bela Vista. Figura de grande significado para a história dos movimentos de contracultura em nosso país, Nasi é também ferrenho defensor dos ideais socialistas. “Tenho tios-avós que lutaram na *Guerrilha do Araguaia*: Áurea e Ari Valadão. Acho até engraçado, mas Ari é o contrário de *Ira!*”. No dia 21 de novembro de 2004 ele recebeu em sua casa Fábio Palácio e Indira Amaral, que realizaram para o *Jornal Nossa Cara* a entrevista que agora republicamos. Em uma conversa de duas horas Nasi falou sobre temas como movimento estudantil, rock, anos 80, Governo Lula, participação política e socialismo. Confira abaixo alguns dos principais trechos do depoimento.

Movimento Estudantil

Fui presidente dos Centros Cívicos de dois grandes colégios de São Paulo: o Rodrigues Alves na Paulista e o Brasilino Machado na Afonso Celso. Fiz o 2º grau ali e foi onde eu encontrei o Edgar (Scandurra). De lá saímos com o *Ira!*. Na época o movimento era reprimido pela ditadura e o que existia eram os Centros Cívicos. Eu tinha toda uma revolta



mas ainda não canalizava de forma ideológica.

Mais tarde tive a felicidade de ter promovido um show junto com o DCE da USP em 86 que foi um dos shows históricos do *Ira!*: o dos 10 anos do DCE livre na praça do relógio. Foi o show de lançamento do segundo disco do grupo, e reuniu cerca de 40 a 50 mil pessoas. Foi um dos shows mais importantes da nossa carreira por tudo que envolvia, pela comemoração tão significativa.

Hoje acredito que o movimento estudantil deve lutar por uma escola que ofereça condições esportivas, educacionais. O aluno deve ficar lá em tempo integral. O movimento estudantil é fundamental no sentido de mobilizar os jovens, mas é preciso objetividade sobre as bandeiras que vão ser adotadas, e é preciso organização e atuação.

O movimento underground dos anos 80 e o hip-hop

A gente tinha no *punk* uma revolução política, cultural e comportamental muito grande. Talvez algo parecido com o hip-hop hoje. A semelhança está em que ambos são *música mais atitude*. A diferença é que o hip-hop conseguiu integrar mais a periferia. Infelizmente no *punk* a música ficou pra segundo plano; os grupos ficavam se digladiando. Você vê: *Os Inocentes* passaram anos sem poder fazer shows, porque eram ameaçados e agredidos por outras vertentes do movimento *punk*. Já o *rap* criou um mecanismo diferente, de inclusão social. Hoje um garoto pode aprender a ser DJ e trabalhar num serviço, pode montar a dupla dele, com os dançarinos... É um movimento muito importante, que nasceu da mesma origem do *punk* e tem características muito próximas: a base do discurso é falar da realidade em que se vive, da discriminação, combater a realidade injusta e divertir ao mesmo tempo. O hip-hop na verdade forma uma comunidade e tem aspectos de inclusão social, mesmo porque os recursos tecnológicos para fazer um grupo de *rap* são mais simples.

Voltando à questão do *underground*, *O Ira!* pode ser considerado fruto desse movimento que tinha muita força nos anos 80. A gente construiu uma cena e um nome muito grande pelo chamado circuito alternativo de São Paulo. Casas que fervilhavam, como o

Madame Satã – que hoje faz parte da história da cidade –, o *Napalm*, o *Rose Bom Bom*, o *Ácido Plástico* e *Carbono 14*, viraram reduto não só de músicos como de atores, de toda uma cultura *underground* que existia na época. Aos poucos esse subterrâneo foi subindo à tona. E aí houve um segundo momento na história do rock nacional, acho que na segunda metade da década de 80, quando surgiu o *Ira!* definitivamente, o Plebe Rude, Titãs, RPM, dentre outros.

A ditadura e o caráter contestatório do rock

Fomos uma geração que veio ao levantar da bota da ditadura. Representamos uma juventude que estava amordaçada e que cresceu sob o medo dos pais de terem seus filhos envolvidos com a política. Essa turma tinha todo um país a passar a limpo. Nessa época enfrentamos a censura política. As músicas do *Ira!* no início da carreira passavam pela Polícia Federal. Em relação a isso me lembro de um episódio curioso: tem uma música do *Ira!* – composta pelo Edgar – que tem um discurso libertário em relação à mulher e diz assim: “A posição da sociedade em relação a você, a sua situação na realidade, moça, não pague pra ver”. Era uma canção romântica que falava de uma garota, de como ela é discriminada, de como é difícil pagar pra ver a situação dela. Mas era uma música romântica em si. E essa música pra nossa surpresa foi reprovada pela censura. Aí eu olhei a letra e tinha um verso que falava assim: “A sensação de ver meu corpo entrando no seu, agora eu quero matar a saudade, moça não pague pra ver”. Aí eu falei: quer ver que é isto aqui? Fizemos uma outra versão para a censura, assim: “a

sensação de ver o meu corpo ao lado do seu...” etc. Com a alteração a música passou, e outras letras que a gente submeteu ao censor, que tinham até conotação mais política, passaram despercebidas. Pra você ver como era, como você dependia muito da pessoa que ia te julgar.

Papel do rock na formação dos jovens dos anos 80

O rock formou uma nova geração de artistas. Há uma tendência no nosso país de se cuspir na geração passada. Na década de 90 nós éramos tratados como os filhos da *década perdida*. Em outros países o artista é respeitado quando amadurece, pela sua carga de experiência. Não há essa cultura de *Menudo*, de você ser descartado quando completa 18 anos.

Então o rock teve essa importância: ele envolveu uma geração de artistas que representava um país ainda extremamente jovem, que queria mudar esse país por ser jovem. Isso é muito importante. Cabe

à juventude o ímpeto mais radical de mudança.

Participação política

O artista ‘tá acostumado a ficar assim, reclamando no camarim. E eu digo: você pode mudar as coisas se organizando. Pode ser através de uma ONG, pode ser através de um partido político, mas até onde eu sei ONG não vota no congresso. Ela pode no máximo fazer pressão sobre um grupo de deputados, de congressistas, mas não é um instrumento como os partidos. Infelizmente hoje há uma tendência de se tratar a política e os partidos como sendo coisas ruins. Entre os mais jovens há uma forte tendência a generalizações indevidas. Costumam dizer: “é tudo a mesma coisa, todos os partidos são iguais, eles objetivam a mesma coisa e tem os mesmos métodos para alcançar os seus objetivos”. Isso é um erro muito forte, mas deve ser compreendido dentro da realidade que se tem hoje, onde realmente a maioria da classe política não vale nada.



Governo Lula

Acho que o Governo Lula tem muitos aspectos legais, como a política externa do Amorim, que está se tornando o inimigo número 1 dos Estados Unidos. A própria figura do presidente... A gente saiu de um presidente tucanês, que tinha aquele discurso pura e simplesmente acadêmico, para um homem que tem carisma e sensibilidade popular. Acho que um dos grandes tapas que demos nesse tucanato foi justamente a política externa do Lula, como ele está sendo recebido mundo afora. Porque tinha aquela história do “ah, nós estamos trocando um estadista como o FHC pelo Lula”. E a gente vê que o Lula está levando bem, barrando a Alca e tomando outras medidas positivas.

Música e transformação

Pra mim a música é importante, mas não é ela que transforma a realidade. Às vezes dois ou três versos transmitem para um garoto uma consciência política maior do que um discurso longo, acadêmico ou panfletário. Ainda assim a música tem seus limites. O mundo só se transforma através da atividade e da atitude política. É só engajado a entidades estudantis, a partidos políticos e até a ONG's que se muda a realidade. Mas aqui é preciso afirmar o papel dos partidos: não dá para substituí-los pelas ONG's, inclusive porque, se os partidos são estruturas manipuláveis, as ONG's podem ser muito mais.

Cultura nacional

A gente vê um movimento assim, que nem o mangubeat, que teve mistura de maracatu com elementos de música americana - seja *rap*, seja rock - e ele mesmo com todo esse hi-



bridismo foi muito importante no resgate de uma cultura que já estava sendo morta, que era o maracatu. Hoje você é capaz de ligar a televisão numa MTV e ver um videoclipe que mostra a indumentária do maracatu, a levada do maracatu e um garoto que nunca iria saber o que é um maracatu se não fosse em um livro de Câmara Cascudo ou do Ariano Suassuna.

Temos que proteger o artista brasileiro, o músico brasileiro. Não interessa se ele tem influência africana, francesa, guatemalteca. No Brasil a gente importa toda espécie de lixo e ainda dizem que o Brasil não pode ter protecionismo. Só os EUA é que podem. O protecionismo serve pros agricultores e pros músicos deles, mas para a gente não. A gente quando fala em protecionismo eles dizem que é arcaico. O disco do Michael Jackson já chega aqui produzido, pago. Os milhões de dólares que ele gastou para fazer os produtos derivados do CD já chegam aqui pagos. Aí um artista como o Zeca Baleiro tem que gastar a maior nota pra fazer um disco. Como ele pode competir com uma coisa que já chega pronta, com uma mídia estúpida? Tudo bem que você pode tocar Michael Jackson, ninguém vai proibir isso.

“A música tem seus limites. O mundo só se transforma através da atividade e da atitude política”

Mas você tem que falar que pra tocar aqui dentro ele vai ter que pagar tanto, porque ele tem que gastar aqui dentro também. E com o dinheiro que nós ganhamos aqui dentro tributando o que vem de fora podemos investir nos nossos artistas.

Mensagem à juventude

Cabe à juventude a transformação, porque é a juventude que tem um ímpeto transformador sobre a vida. A juventude que gasta toda a sua energia com vídeo-games e shopping centers está envelhecida. Cabe à juventude toda essa responsabilidade de transformação. Para isso é muito importante a participação nas entidades estudantis, porque é preciso haver organização.

Socialismo

Eu acredito no socialismo. Como muitos eu passei a década de 90 deprimido com toda aquela propaganda do fim da história. Costumo lembrar que o capitalismo criou a miséria, a desumanidade e a barbárie - principalmente no terceiro mundo. Mas existe um mundo que experimentou o socialismo e que tem condições muito mais desenvolvidas que nós. Espero que um dia possamos viver em um mundo onde as diferenças entre as classes sociais sejam tão mínimas que quase não existam. Sei que não verei isso, mas luto para que um dia seja realidade. ●